



Mecenas



# Orquestra Metropolitana de Lisboa

Pedro Neves, direção

João Xavier, piano

CONCERTO SINFÓNICO

24 de julho de 2022 • 21h30

Mosteiro de Alcobça • Cerca

Patrocínio



Parceria

Concurso de Interpretação do Estoril



## Programa

António Victorino d'Almeida (1940 -)  
*Abertura Clássica*

Ludwig van Beethoven (1770 - 1827)  
*Concerto para Piano n.º 3*

Serguei Prokofiev (1891 - 1953)  
*Sinfonia Clássica*

## Ficha artística

Pedro Neves, direção  
João Xavier\*, piano

\*1.º Prémio Concurso de Interpretação do Estoril (2021)

Com o Alto Patrocínio de Sua Excelência



O Presidente da República

Estrutura financiada por



Mecenas



Parceria Estratégica



Patrocinador Principal



Patrocinador Rota de Cister



Parceria Institucional



Parceiros Média



Membro de



Organização



## Biografias

### Orquestra Metropolitana de Lisboa

A Orquestra Metropolitana de Lisboa (OML) é pedra angular de um projeto que se estende além do formato habitual de uma orquestra clássica. Quando se apresentou pela primeira vez em público, no Mosteiro dos Jerónimos a 10 de junho de 1992, anunciou o propósito de fazer confluír as missões artística, pedagógica e cívica por intermédio de uma gestão otimizada de recursos e uma visão ampla e integrada de todas as vertentes do fenómeno musical. Sempre apoiada pela Câmara Municipal de Lisboa, por instituições governamentais do Estado e por vários municípios do entorno geográfico, e uma vez completadas quase três décadas de atividade, o valor da aposta é hoje consensualmente reconhecido, não somente pelos resultados alcançados, mas sobretudo pela relevância que tem no atual panorama musical do país.

Constituída por 35 músicos de 10 nacionalidades diferentes, um terço dos quais formados na Academia Superior da Metropolitana (ANSO), a OML é bastante versátil. Multiplica-se com frequência em agrupamentos de música de câmara e junta-se regularmente aos alunos para formar uma orquestra de dimensão sinfónica. Esta plasticidade tem-lhe permitido interpretar um leque de repertório que se estende do barroco à contemporaneidade, passando pela ópera e pelas grandes sinfonias românticas. Já estreou obras de grande parte dos compositores portugueses no ativo e, para lá da música que se reconhece na tradição clássica europeia, toca ainda outros estilos e tradições, tendo já partilhado palco com os Xutos e Pontapés, Carlos do Carmo, Rui Veloso, Mário Laginha, Tito Paris, Sérgio Godinho e muitos outros. Tem conseguido, deste modo, dirigir-se ao público melómano, mas também às famílias e a toda a comunidade escolar, chegar junto das pessoas através do entusiasmo que todos sentimos pela música.

Em vez de concentrar as suas atuações numa única sala de concertos, a OML tem vindo a consolidar uma implantação territorial que irradia a partir da cidade de Lisboa para os concelhos mais próximos, e mais espaçadamente para todo o continente e arquipélagos. Ao longo do seu historial também já tocou em França, Bélgica, Espanha, Áustria, Polónia, Cabo Verde, Índia, Tailândia, Coreia do Sul, Japão e China. Conta mais de dois milhares de concertos efetuados em formação orquestral, 16 CD e 1 DVD gravados, para lá de muitas transmissões radiofónicas e televisivas. Tocou com alguns dos mais notáveis solistas nacionais, entre eles Maria João Pires, Sequeira Costa, António Rosado, Artur Pizarro, Pedro Burmester, Elisabete Matos, Gerardo Ribeiro, Vasco Barbosa, Paulo Gaio Lima e Ana Bela Chaves, e também com prestigiados solistas internacionais, como Montserrat Caballé, Jose Carreras, Leon Fleisher e Natalia Gutman. Entre muitos, foi dirigida pelos maestros Enrique Dimecke, Arild Remmereit, Christopher Hogwood, Theodor Guschlbauer, Emilio Pomarico e, mais regularmente, Nicholas Kraemer, Brian Schembri (Maestro Titular em 2003/2004), Olivier Cuendet, Enrico Onofri e Michael Zilm. As direções

artísticas da OML foram sucessivamente confiadas a Miguel Graça Moura — fundador do projeto —, Jean-Marc Burfin, Álvaro Cassuto, Augustin Dumay, Cesário Costa e Pedro Amaral. Pedro Neves é, desde janeiro de 2021, Diretor Artístico e Maestro Titular.

### Pedro Neves

Pedro Neves é atualmente Diretor Artístico e Maestro Titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa. Paralelamente, desempenha as funções de Maestro Titular da Orquestra Clássica de Espinho. Foi Maestro Titular da Orquestra do Algarve entre 2011 e 2013, e posteriormente, Maestro Associado da Orquestra Gulbenkian, entre 2013 e 2018. É convidado regularmente para dirigir a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Filarmonia das Beiras, a Orquestra Clássica do Sul, a Orquestra Clássica da Madeira, a Orquestra Sinfónica do Estado de São Paulo, a Orquestra Sinfónica de Porto Alegre, a Orquestra Filarmónica do Luxemburgo e a Real Filarmonia da Galiza. No âmbito da música contemporânea, tem colaborado com o Sond'arte Electric Ensemble, com o qual realizou estreias de vários compositores portugueses e estrangeiros, realizando digressões pela Coreia do Sul e Japão. Também com o Remix Ensemble Casa da Música, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e o Síntese Grupo de Música Contemporânea. É fundador da Camerata Alma Mater, agrupamento dedicado à interpretação de repertório para orquestra de cordas e com a qual tem recebido uma elogiosa aceitação por parte do público e da crítica especializada.

Pedro Neves iniciou os seus estudos musicais em Águeda, sua terra natal. Estudou violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera; respetivamente, no Conservatório de Música de Aveiro, na Academia Nacional Superior de Orquestra (Lisboa) e na Escuela de Música Juan Pedro Carrero (Barcelona), com o apoio da Fundação Gulbenkian. No que respeita à Direção de Orquestra, estudou com Jean-Marc Burfin, obtendo o grau de Licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra, com Emilio Pomarico, em Milão, e com Michael Zilm, de quem foi assistente. O resultado deste seu percurso faz com que a sua personalidade artística seja marcada pela profundidade, coerência e seriedade da interpretação musical.

### João Xavier

João Xavier nasceu em 1993, em Lousada, e começou a estudar música no Conservatório do Vale do Sousa em 2003, onde terminou, em 2011, o 8.º Grau na classe da professora Luísa Ferreira. Prosseguiu os estudos na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, no Porto, com Pedro Burmester. Trabalhou também com a pianista Tania Achot e, na Scuola di Musica di Fiesole, em Itália, com Eliso Virsaladze, com quem mais tarde prosseguiu os estudos no Conservatório Tchaikovsky de Moscovo, tendo-se graduado em 2020 com distinção. Foi laureado em vários concursos, nomeadamente no V Concurso de Piano da Póvoa de Varzim (1.º Prémio), no X

Concurso Florinda Santos (1.º Prémio) e no 12.º Concurso de Piano Santa Cecília (1.º Prémio). Em 2011 obteve o 1.º lugar no Prémio Jovens Músicos, na categoria de Piano – Nível Superior, e em 2014 o 3.º Prémio no Concurso Internacional de Piano Jaén, em Espanha. Venceu recentemente, em 2021, o 22.º Concurso de Interpretação do Estoril. Apresentou-se em concerto, a solo e com orquestra, em Portugal, Espanha, Itália e Rússia, em salas como o Salão Nobre do Palácio da Bolsa do Porto, o Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, a Sala Suggia na Casa da Música nos Teatros del Canal em Madrid, na Sala Rachmaninov e no Pequeno e Grande Auditórios do Conservatório Tchaikovsky de Moscovo, entre outras. Trabalhou com várias orquestras em Portugal, Espanha e Rússia, nomeadamente com a Orquestra da Fundação Calouste Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica do Porto - Casa da Música, a Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras, a Orquestra Cidade de Granada, a Orquestra Sinfónica de Estudantes do Conservatório de Moscovo, e com maestros como Pedro Neves, Nikolay Lalov, Günter Neuhold, Anatoly Levin e Vasily Sinaisky. Atualmente, prossegue os seus estudos no Conservatório Real de Música de Bruxelas, sob orientação de Aleksandar Madžar.

## Notas de programa

### Carvalhesa

António Victorino d'Almeida tem sido, ao longo da vida, um divulgador incansável da Música. Todavia, e algo paradoxalmente, o seu vasto catálogo enquanto compositor ainda aguarda a merecida divulgação. Começamos pela *Abertura Clássica* (sobre um tema popular português), uma obra de 1991.

Na revista *Glosas* publicada em novembro de 2011, o compositor Sérgio Azevedo recomenda a audição desta mesma *Abertura Clássica* para todos aqueles que nunca escutaram antes a música de António Victorino d'Almeida. Realça-se aí uma demonstração do domínio técnico que Victorino d'Almeida tem sobre o estilo de escrita dos clássicos da segunda metade do século XVIII. Identificam-se texturas orquestrais cristalinas na intervenção equilibrada de todos os naipes da orquestra em cada instante. A construção formal é irrepreensível, pelo modo como se propõe trabalhar e desenvolver o tema melódico apresentado de início.

Naquela primeira escuta de que se falava em cima, um dos aspetos mais curiosos que logo ressalta é a circunstância de a melodia, essa mesma que aparece indicada na partitura como “um tema popular português”, nos parecer tremendamente familiar. Com efeito, trata-se da música que a Comissão Política do PCP escolheu em meados dos anos 1980 para servir como marca sonora indicativa das campanhas eleitorais, nos altifalantes das caravanas e nos tempos de antena televisivos. Na origem, trata-se da *Carvalhesa* uma melodia tradicional de Trás-os-Montes que se encontra no livro publicado por Michel Giacometti em 1981 com o título *Cancioneiro Popular Português*. Giacometti havia aí recuperado uma melodia recolhida naquela região pelo etnólogo alemão Max Friedlander em 1932, por sua vez publicada nos

E.U.A. em 1941 no livro *Folk Music and Poetry of Spain and Portugal*.

### Um Concerto Charneira

A obra de Beethoven situa-se no eixo de transição entre os períodos Clássico e Romântico. No contexto dessa mudança estilística, este terceiro *Concerto para Piano e Orquestra* é um exemplo particularmente representativo. Nele se vislumbra a presença da figura de Mozart, mas logo se tornam evidentes opções de escrita que só Beethoven poderia assinar. Poderá entender-se como uma homenagem de um dos maiores nomes da História da Música dirigida a outro de equivalente estatura.

A referência às obras que Beethoven compôs nos anos seguintes à sua radicação na cidade de Viena, em 1792, coincide frequentemente com a alusão a Wolfgang Amadeus Mozart, falecido no ano anterior. Com esse enquadramento, são recorrentes dois raciocínios que parecem contraditórios, mas que revelam as faces de uma mesma moeda. Por um lado, o compositor alemão baseava-se em formatos de escrita do seu antecessor, tantas vezes optando por tonalidades e estratégias de composição moldadas nas suas partituras e com dispositivos instrumentais praticamente idênticos. Por outro, esse era um procedimento que tinha como propósito ir mais além. Pretendia buscar competências e soluções inéditas, o que combina melhor com o ideal do génio romântico.

Não se trata, portanto, de uma atitude subserviente diante do mestre ou, em sentido contrário, de uma rivalidade motivada pela irreverência da juventude. Era bastante mais do que isso. Beethoven exercitava competências consumando uma aprendizagem que lhe permitia demonstrar aos outros — e a si próprio — as extraordinárias qualidades que tinha como compositor, para lá do estatuto de pianista virtuoso que todos admiravam, portanto. Ultrapassada essa etapa, estavam reunidas as condições para se aventurar em voos mais altos e arriscar ruturas com o passado, de maneira a garantir uma mais estreita identificação com a disposição do homem moderno que integrava as repercussões da Revolução Francesa. Para lá disso, era também uma prova da sua consciência histórica. Enquanto Mozart jazia numa vala comum, Beethoven tocava os seus concertos, emprestando-lhes uma memória que ainda hoje cultivamos. Simultaneamente, consolidava uma forte convicção sobre a intemporalidade da obra artística, o que ajuda a compreender a sua postura criativa: urgente, inadiável, projetando cada detalhe num futuro imaginado.

O *Concerto para Piano n.º 3* foi estreado em abril de 1803 com o próprio compositor ao piano, no mesmo programa em que foi tocada a *Sinfonia n.º 1* e também se ouviram pela primeira vez a *Sinfonia n.º 2* e a oratória *Cristo no Monte das Oliveiras*. Distingue-se pelo desenho cristalino com que as ideias se sucedem e desenvolvem, assim como pela extraordinária beleza das melodias — em particular no segundo e terceiro andamentos. Nunca esconde, todavia, o germe da inquietação expressiva que veio a irromper poucos anos mais tarde.

## Sinfonia Clássica

O que terá motivado um jovem compositor russo para compor uma sinfonia “à maneira de Haydn” em plena revolução bolchevique? Ainda hoje, ao ouvir-se a *Sinfonia n.º 1* de Prokofiev, e ainda que ignorando questões como esta, percebe-se uma qualquer estranheza a pairar por entre melodias lindíssimas, efeitos orquestrais cristalinos e uma construção formal irrepreensível. Está tudo no sítio... e isso inquieta.

Sergei Prokofiev é um compositor cuja figura logo associamos a uma aura de irreverência, a um tipo de personalidade que, no domínio das artes, surge normalmente comprometida com a busca permanente de novas sonoridades. Em virtude disso, poderá parecer um gigante retrocesso que em 1916, com apenas 25 anos de idade, tenha escrito uma obra moldada num formato sinfónico que se instituiu na segunda metade do século XVIII. É mais estranho se torna quando sabemos que, já antes, romperá com a expectativa romântica conservadora e decadente, como na música do bailado *Ala e Lolli* que, sendo primeiramente destinada à companhia de Diaghilev, acabou estreada num conjunto de peças orquestrais, a *Suíte Cita*.

Decorria então a Primeira Grande Guerra. Prokofiev mantinha-se relativamente alheado de causas políticas, mas estava atento ao que o rodeava. Entre

os simpatizantes da Revolução começavam a surgir opiniões que qualificavam a sua música de “bárbara”. Porventura em resposta, regressou ao conservatório de São Petersburgo e compôs uma sinfonia “como Haydn o teria feito se fosse vivo”. A 21 de abril de 1918 fê-la estrear diante de uma assistência onde se achava um importante dirigente do Partido Comunista que prontamente identificou um espírito verdadeiramente revolucionário nesta obra. Poucos dias mais tarde, Prokofiev manifestou-lhe a intenção de viajar até aos E.U.A. O visto foi concedido.

Este episódio demonstra o quanto a estética neoclássica soava inovadora, sem sacrifício da fácil apreensão por parte do comum dos mortais. Assentava no pressuposto de que o recurso a modelos e estilos do passado era inteiramente válido. No caso da *Sinfonia Clássica*, que foi uma das primeiras manifestações desta corrente, procurava ser fiel aos princípios técnicos de uma sinfonia do período clássico, mas sem o sacrifício da integridade criativa e da expressão própria do autor. O mais difícil era encontrar um equilíbrio entre o pastiche e a caricatura, e Prokofiev superou o desafio com distinção. Sem reverência excessiva nem sarcasmo, porventura com respeitosa ironia, resultou uma partitura onde tudo é representação, e tudo é essencial.

Rui Campos Leitão, Musicólogo



É expressamente proibida a captação de imagens e som durante o espetáculo.  
Desligue o telemóvel, desfrute e grave na sua memória.  
Poderá rever os melhores momentos no website e nas redes sociais do festival.

Consulte a programação completa em [www.cistermusica.com](http://www.cistermusica.com)

